



**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

MILAINE EUZÉBIO DA ROSA

O CONCEITO DE PASSE: DO EMPÍRICO AO TEÓRICO

**CRICIÚMA
2012**

MILAINÉ EUZÉBIO DA ROSA

O CONCEITO DE PASSE: DO EMPÍRICO AO TEÓRICO

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Dr. Vidalcir Ortigara

Co-orientador: Prof. Dr. Ademir Damazio

CRICIÚMA

2012

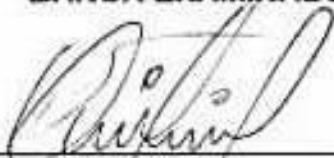
MILAINÉ EUZÉBIO DA ROSA

O CONCEITO DE PASSE: DO EMPÍRICO AO TEÓRICO

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciatura, no Curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação Física escolar.

Criciúma, 03 de 07 de 2012.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Vidalcir Ortigara - (UNESC) - Orientador



Prof. Dr. Ademir Damazio - (UNESC) - Co-orientador



Prof. Carlos Augusto Euzébio - Mestre - (UNESC)



Prof. Vânia Vitorio - Mestranda - (UNESC)

Aos professores e alunos que passarão,
durante o processo de ensino e aprendizagem,
pelo conceito de passe.

AGRADECIMENTOS

Durante a objetivação do curso de formação inicial de professora de Educação Física , muitas mudanças ocorreram em minha vida. Essas mudanças, apesar da finalidade na maioria das vezes ser positiva, a mediação em muitas dessas situações foram dolorosas. Tais situações me obrigaram a realizar ações diferentemente daquelas vividas cotidianamente, pois sempre gostei de viver no meu “mundinho fechado”, em que pedir ajuda era a última opção a ser considerada. No entanto, devido a realidade objetiva na qual estava inserida, senti-me obrigada a pedir cooperação para algumas pessoas, enquanto outras, simplesmente apareceram ao meu lado, e desde então contribuem de alguma forma. A alguns já agradei de alguma forma, outros agora é que vou fazer o primeiro agradecimento, ainda tem aquelas que agradecerei em outra oportunidade.

Nesse momento registro os meus agradecimentos para:

- O orientador Prof. Dr. Vidalcir Ortigara e o co-orientador Prof. Dr. Ademir Damazio, por me revelarem que para o vôo no processo de conhecimento é necessário “tanto o casulo quanto a asa”;
- Os professores do curso de graduação, que mostraram seus diferentes olhares a respeito da Educação Física , que me propiciaram a reflexão para elaborar uma concepção mais ampla de Educação Física . Dentre os professores, há aqueles que participaram com minha formação para além da sala de aula, destaque: *Ana, Chu, Kabuki, Luiz Afonso, Robinalva, Sirléia, Vânia, Vidal, Vitor*.
- As funcionárias que trabalham na secretaria do curso e ao Daniel, sempre atenciosos e prestativos. Em especial a Selma, pelas vezes que serviu de ombro amigo;
- Os estudantes das diversas fases de diferentes semestres com as quais estudei durante a graduação. Eles contribuíram com meu crescimento como acadêmica e um ser que faz parte de um coletivo. Alguns colegas contribuíram de modo diferenciado, foram além do “coleguismo” de sala de aula, não há necessidade de citar nomes, mas a vocês minha

amizade;

- O grupo de pesquisa GPEMAHC - Grupo de Pesquisa em Educação Matemática: uma Abordagem Histórico-Cultural, pelos momentos de reflexão coletiva durante essa caminhada. Obrigada por compartilharem comigo esse vôo que aqui faz escala, mas que está longe de seu destino final, no que se refere ao processo de compreensão das ideias de Davydov, Leontiev, Lukács, entre outros autores: Em especial agradeço os seguintes integrantes: Ademir, Alex, Ana, Andri, Cris, Day, Dani Darolt, Dani Pacheco, Elaine, Eloir, Ester, Fernanda, Filipe, Gi, Iuri, Jaque, Josélia, Josi Barbosa, Josi Goularte, Juliana, Juliane, Julian, Ledina, Lucas Lemos, Lucas Sid, Marga, Maria Júlia, Marlene Beckhauser, Silvana, Sol, Taís, Tati, Vanessa, Vivi e William;
- O GEPEFE – Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Física e Escola: conhecimento e intervenção, por compartilhar comigo seu objeto de pesquisa: Ana, Bela, Kabuki, Luis Afonso, Márcio Justo, Matheus, Vânia, Vidal.
- As crianças e os adolescentes do Projeto Segundo Tempo - núcleo Cidade Alta - do município de Forquilha, sentirei saudades;
- Os meus pais, que a sua maneira, contribuíram com o meu desenvolvimento humano. Obrigada mãe, por toda a força e dedicação, principalmente nesses dois últimos anos. Agradeço ainda as pessoas que de maneiras diferentes, assumiram o papel de pai e mãe durante a graduação, vocês foram de extrema importância para a conclusão desse processo;
- Aos meus familiares, avós, tios, primos, alguns de modo mais intenso, outros nem tanto, mas sei que todos vocês torceram por mim;
- Meus irmãos: Alex, Cíntia, Gi e Josi, como agradecer? Posso apenas dizer, tudo que fazem é muito “legal” (não poderia deixar de usar esse termo). Valeu pelas brincadeiras, colaborações, puxadas de orelhas, ciúmes (meu e de vocês), enfim, por tudo! São as nossas diferenças e, simultaneamente, as nossas semelhanças que nos fazem ser uma família única, amo vocês! Aos cunhados Alessandro, Cris e Loreni, o meu muito

obrigada. E, também, aos meus afilhados e sobrinhos, Alisson, Bruno e Gabriel, perdoem-me pelo distanciamento;

- Os meus amigos de infância, adolescência e parte da juventude (pré-graduação), sinto saudades;
- Existem pessoas que fazer um agradecimento, nesse momento, não seria possível, mas gostaria de manifestar meu profundo sentimento de gratidão a tia Joelma (*in memoria*) e sua família;
- O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC, o Programa Bolsa Artigo 170 e o Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior - FUNDES por auxiliarem financeiramente parte da minha graduação. E, as meninas da CEPAL pelo carinho.

Aula de Vôo

O conhecimento
caminha lento feito lagarta.
Primeiro não sabe que sabe
e voraz contenta-se com cotidiano orvalho
deixado nas folhas vividas das manhãs.

Depois pensa que sabe
e se fecha em si mesmo:
faz muralhas,
cava Trincheiras,
ergue barricadas.
Defendendo o que pensa saber
levanta certeza na forma de muro,
orgulha-se de seu casulo.

Até que maduro
explode em vôos
rindo do tempo que imagina saber
ou guardava preso o que sabia.
Voa alto sua ousadia
reconhecendo o suor dos séculos
no orvalho de cada dia.

Mas o vôo mais belo
descobre um dia não ser eterno.
É tempo de acasalar:
voltar à terra com seus ovos
à espera de novas e prosaicas lagartas.

O conhecimento é assim:
ri de si mesmo
E de suas certezas.
É meta de forma
metamorfose
movimento
fluir do tempo
que tanto cria como arrasa
a nos mostrar que para o vôo
é preciso tanto o casulo
como a asa

Mauro Iasi

RESUMO

No presente trabalho de conclusão de curso realizamos um estudo bibliográfico sobre o conceito teórico de 'passe' no esporte com a finalidade de distingui-lo do seu conceito empírico. O problema de investigação foi: Quais os elementos constituidores do conceito empírico e teórico de passe? Objetivamos estudar o sistema de conexões teóricas em que se insere o fundamento de passe com base na Teoria Histórico-Cultural, particularmente, nos pressupostos de Davydov. Os pressupostos da Teoria Histórico-Cultural nos guiaram na análise das obras utilizadas pelos cursos de formação inicial de Educação Física do sul de Santa Catarina que apresentam o conceito passe. A partir da análise crítica do conceito apresentado nas mencionadas obras, elaboramos o conceito teórico de passe. Revelamos a formação de um sistema de conexões em que se insere o fundamento passe, tais como: atividade interna e externa, ação, operação, objeto, motivo, necessidade, finalidade, idealização, concretização; abstração, causalidade, universalidade, particularidade, singularidade, entre outros. Foi somente nesse sistema de conexões que elaboramos o seguinte conceito: passe é o lançamento do instrumento de jogo ao colega de equipe em condições que a recepção seja efetivada, envolvendo necessariamente as operações de lançamento, deslocamento e recepção do instrumento. No processo de efetivação do passe, se um desses três componentes gerais não se objetiva, impossibilita a sua existência. Em vez disso, ocorreu somente a intencionalidade ou o seu processo parcial que não se objetivou e, portanto, não existe como um ente que possa ser considerado existente objetivamente. Esse conceito, dado seu caráter universal, contempla todos os tipos singulares de passe, independentemente de uma modalidade esportiva particular. Distingue-se de seu conceito empírico, que abrange apenas alguns tipos de passes singulares, nos limites de uma modalidade esportiva particular.

Palavras-chave: Educação Física ; Conceito de passe; Teoria Histórico-Cultural; Davydov.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	11
2 - A RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA.....	17
3 O CONCEITO DE PASSE.....	23
3.1 Compreensão empírica do conceito de passe	23
3.2 Compreensão teórica do passe	28
4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
5 - REFERÊNCIAS	37

1 - INTRODUÇÃO

No cotidiano das aulas de Educação Física e do curso superior ao qual se insere o presente trabalho, a relação teoria e prática é considerada, na maioria das vezes, de forma dicotomizada, isto é, relação indissociável entre esses dois elementos do conhecimento da realidade nem sempre é considerada (EUZÉBIO, 2009; ROSA, ORTIGARA, 2011; ROSA, ORTIGARA e DAMAZIO, 2011).

No que se refere ao contexto educacional regional, sul catarinense, o estudo de Euzébio (2009) aponta que na prática a teoria é a mesma, pois os professores, no cotidiano escolar, objetivam a compreensão que aprenderam nos cursos de formação inicial, principalmente, em relação ao conteúdo do esporte.

Essa conclusão é provocativa para a produção de alguns questionamentos, entre os quais destacamos: Que teoria é essa que os professores de Educação Física compreendem no curso de formação e objetivam em sua prática docente? Sua base de obtenção e de adoção na docência é empírica ou teórica? Euzébio (2009) indica que a literatura adotada nos cursos de formação inicial de professores de Educação Física aborda os conteúdos com base empírica. Essa adoção empírica, pelos cursos de formação inicial de professores de Educação Física, tem dentre as diferentes causas as políticas educacionais adotadas nacionalmente (MORAES, 2003).

As afirmativas expressas, a partir da investigação de Euzébio (2009), levam a necessidade de se pesquisar a expressão dos conceitos ensinados pela disciplina de Educação Física escolar, tanto em uma concepção empírica quanto teórica. Dadas as condições e especificidades do presente estudo, Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, se fez necessária a delimitação para centrarmos o debate sobre o conhecimento de um conceito. Como decorrência do processo de pesquisa desenvolvido anteriormente¹, optamos pelo conceito de passe.

A preocupação inicial foi de inseri-lo no contexto de uma proposta de ensino, cuja necessidade decorre dos resultados obtidos em uma investigação de iniciação científica, no interior de um grupo de pesquisa fundamentado na Teoria

¹ ROSA, M. E.; ORTIGARA, V. A Compreensão conceitual de alunos do ensino fundamental sobre o passe dos esportes coletivos: uma análise na perspectiva Histórico-Cultural. In: **Anais...** 6º Encontro Iberoamericano de Educação. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras (UNESP), 2011.

Histórico-Cultural, mais especificamente em Davydov². Na referida pesquisa, concluímos que a compreensão dos alunos do último ano do Ensino Fundamental (nono ano) sobre o conceito de passe é empírica e fragmentada (ROSA; ORTIGARA, 2011; ROSA; ORTIGARA; DAMAZIO, 2011).

Os alunos investigados estudam em escolas da rede pública de um município localizado no sul do Estado de Santa Catarina, cuja proposta curricular, em consonância com a proposta da rede estadual de ensino, é fundamentada na Teoria Histórico-Cultural. Com base na referida teoria, a orientação é que o processo de ensino possibilite a aprendizagem de conceitos científicos e, consequentemente, o desenvolvimento do pensamento teórico. No entanto, há contradições entre o que propõe os fundamentos teóricos das referidas propostas e a compreensão dos alunos.

Tal contradição nos levou a elaborar o seguinte questionamento: o ensino de Educação Física, nessas escolas, é fundamentado na teoria que respalda suas respectivas propostas curriculares? Nossas observações durante a realização dos estágios curriculares não possuíam um parâmetro organizativo, o que levou à reflexões isoladas sem o rigor científico, isto é, aos olhares para o que acontece o imediato das aulas de Educação Física em diferentes escolas e níveis de ensino. Se aderíssemos a uma concepção eminentemente empírica de obtenção do conhecimento, adotaríamos essas observações para a produção de argumentos a fim de responder negativamente a questão anterior. Mas como não será essa a postura adotada, a pergunta fica sem a devida resposta com teor científico, além disso, estimula o lançamento de outro questionamento: como seria o ensino de Educação Física se fosse organizado a partir dos fundamentos teóricos mencionados?

Essa pergunta foi objeto de estudo da Psicologia Pedagógica russa com base na Teoria Histórico-Cultural que tem com matriz teórica o Materialismo Histórico e Dialético. Davydov se dedicou, por mais de vinte e cinco anos, ao estudo da organização do ensino com base nas referidas teorias. Como decorrência, elaborou os princípios gerais para o processo de ensino e aprendizagem, contrapondo àqueles defendidos e adotados, basicamente, nas escolas do mundo

² No decorrer do texto utilizaremos a grafia Davydov, porém, ao se tratar de referencia, manteremos a grafia apresentada na obra. Vale ressaltar que a maioria das obras desse autor, que tivemos acesso, está escrita na língua espanhola, nos casos de citação direta, a tradução para a língua portuguesa é de nossa responsabilidade.

inteiro, na atualidade, ou seja, de cunho tradicional. Sua oposição centra no argumento de que ainda os sistemas de ensino predominante, atualmente, priorizam o desenvolvimento do pensamento empírico dos estudantes.

Davídov (1988) defende que a criança, ao ingressar na escola, passa a desenvolver como atividade principal a de estudo. Para tanto, o ensino deve ser organizado de modo tal que os estudantes desenvolvam o pensamento teórico. Por isso, elabora detalhadamente uma proposta de ensino que estabelece: 1) a tarefa do ensino; 2) a tarefa de estudo de cada disciplina curricular, ano escolar ou conceito; 3) as tarefas particulares que conduzem o processo de apropriação de cada conceito científico das disciplinas. Para a efetivação de cada tarefa de estudo, Davídov (1988, p. 181), estabelece seis ações:

- transformação dos dados da tarefa a fim de revelar a relação universal do objeto estudado;
- modelação da relação encontrada na ação anterior;
- transformação do modelo da relação para estudar suas propriedades em “forma pura”;
- construção do sistema de tarefas particulares que podem ser resolvidas por um procedimento geral;
- controle das realizações anteriores;
- avaliação da assimilação do procedimento geral como resultado da solução da tarefa de aprendizagem dada.

Cada uma dessas seis ações da tarefa de estudo, é elaborada e desenvolvida por meio de um sistema de tarefas particulares. Porém, são produzidas de um modo tal para que os alunos se apropriem da essência do conceito em movimento, isto é, em sua base teórica que os levem ao desenvolvimento da respectiva forma de pensamento.

Se o ensino da Educação Física nas escolas tem base empírica (EUZÉBIO, 2009) e não atendem aos pressupostos teóricos das Propostas Curriculares Estaduais e Municipais, cuja matriz é a mesma adotada por Davydov, então surge outro questionamento, mais delimitado que o apresentado anteriormente: como o ensino de Educação Física poderia ser organizado a partir da perspectiva Davydoviana?

Novamente, temos que admitir a impossibilidade, no presente estudo, de dar conta de produzir resposta ou elaborar novas questões para esse abrangente questionamento. Por isso, houve a necessidade de uma nova delimitação, o que

levou ao aprofundamento do nosso estudo anterior de iniciação científica sobre o conceito de 'passe no esporte'. Daquele questionamento, decorre a elaboração do problema de pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso, de natureza teórica: Quais os elementos constituidores do conceito empírico e teórico de passe, expresso, respectivamente, na bibliografia dos cursos de graduação em Educação Física e na concepção de Davydov?

Por se tratar de uma pesquisa teórica, procuramos organizar o estudo com base nas diversas perguntas decorrentes do problema de pesquisa. Entre tantas, elegemos algumas delas que traduzem as preocupações levantadas no próprio contexto da problematização, exposta anteriormente, que culminou com a elaboração do problema de pesquisa. São elas:

- 1) Há dicotomia entre teoria e prática, no conceito de passe?
- 2) Quais os elementos que possibilitam a distinção entre o conceito empírico e o conceito teórico de passe?

A reflexão sobre o conjunto dessas interrogações (problema e questões auxiliares) caracteriza a presente pesquisa que, de modo geral, tem por objetivo: estudar o sistema de conexões teóricas em que se insere o fundamento passe com base na Teoria Histórico-Cultural, particularmente, nos pressupostos de Davydov.

Além disso, em face às questões auxiliares, estabelecemos dois objetivos específicos:

- Estudar a relação teoria e prática, com base em Davydov, e suas incidências no conceito teórico e empírico de passe.
- Analisar os elementos inerentes ao conceito teórico e empírico do conceito de passe.

Adotamos como fundamentos teóricos e metodológicos a Teoria Histórico-Cultural, de base filosófica materialista histórica, os debates sobre a psicologia educacional advindos da escola vygotskiana e um de seus desdobramentos, a pedagogia Davydoviana. Conforme já mencionado, sem desconsiderar os demais autores, o foco é os princípios pedagógicos Davydovianos.

No que se refere à especificidade da Educação Física escolar, sustentamo-nos em sua concepção de conhecimento da Educação Física como cultura corporal que se manifesta em atividades expressivas corporais, tais como: a ginástica, os jogos e as brincadeiras, a dança, o esporte, entre outras (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Mesmo se tratando de um estudo teórico, não foi possível desprendermos de outro trabalho de investigação que desenvolvemos durante dois anos, com dedicação de, no mínimo, vinte horas semanais. A referida pesquisa também propiciou subsídios para a compreensão das múltiplas relações nas quais está inserido nosso objeto de estudo. Isso significa dizer que na produção do presente trabalho nos apoiamos em algo além das leituras e reflexões realizadas no interior da universidade. Trazemos, pois, as experiências adquiridas pelas visitas às escolas, entrevistas de professores e alunos, a fim de melhor compreender a concepção empírica do conceito de passe. Também, elaboramos uma sequência de situações de ensino e desenvolvemos com os alunos dos diferentes níveis de ensino sobre o conceito teórico de passe. Desse modo, atendíamos a preconização de Kosik (1976, p. 28) de que,

para conhecer as coisas como são independentemente de si, tem primeiro de submetê-las à própria *práxis*: para poder constatar como são elas quando não estão em contato consigo, tem primeiro de entrar em contacto com elas. O conhecimento não é contemplação. A contemplação do mundo se baseia nos resultados da *práxis* humana.

Portanto, as leituras necessárias a presente pesquisa foram antecedidas pela submissão do conceito de passe a nossa própria *práxi*. Para as reflexões teóricas, revisitamos os autores que apresentam as modalidades esportivas e expõem a descrição empírica de passe, como: Almeida (1998), Bizzocchi (2004), Bojikian (2005), Coutinho (2007), De Rose Junior e Tricoli (2005) Ehret, et al (2002), Fernandes (2004), Freire (2003), Frisseli e Mantovani (1999) Gomes e Machado (2001), Melhem (2004^a, 2004^b), Melo e Melo (200-), Santos (1998), Simões (2002), Tenroller (2004, 2005), Vozer e Giusti (2000).

Também, retomamos aos estudos iniciados no projeto citado anteriormente, que contribuiu para o aprofundamento da nossa compreensão da perspectiva de Educação Física coerente com a base teórica-metodológica em que nos fundamentamos para desenvolvemos o trabalho. Nessa etapa retomamos, entre outros, os seguintes textos: Coletivo de Autores (1992), Euzébio (2009) e Rosa e Ortigara (2011). Como decorrência, surgiu a necessidade de aprofundarmos a compreensão da referida perspectiva teórica com o estudo das seguintes obras:

Davídov (1988), Davýdov (1982), Leontiev (1978) Lessa (2007) Lukács (1981)³, Moraes (2003).

Os pressupostos da Teoria Histórico-Cultural nos guiaram na análise das referências bibliográficas, que apresentam o conceito passe, indicadas pelos cursos de formação inicial de Educação Física de Instituições de Ensino Superior, localizadas no sul de Santa Catarina. Para tanto, a referência foi o estudo de Euzébio (2009), que analisou as bases teóricas sobre o conhecimento de esporte dos referidos, cujas obras analisadas referenciamos acima. A partir da análise crítica do conceito apresentado nas mencionadas obras e dos estudos de Davídov (1988) e de Lukács (1991), elaboramos o conceito teórico de passe.

Organizamos o presente trabalho em quatro partes: Introdução, dois capítulos e considerações finais. No primeiro capítulo, que serve de introdução, apresentamos o objeto de estudo, justificativa, problema de investigação, questões auxiliares, objetivos geral e específicos e metodologia. No segundo explicitamos a relação dicotômica entre teoria e prática e suas origens no processo histórico de desenvolvimento do trabalho. No terceiro, expomos nossas análises sobre o conceito empírico de passe e as reflexões teóricas que nos possibilitaram a elaboração do conceito teórico em coerência com os pressupostos advindos da Teoria Histórico-Cultural. E, finalmente, nas considerações finais, procedemos à síntese.

³ Temos poucas obras do autor em língua portuguesa. As aqui referenciadas tem por base a tradução do Capítulo // *Lavoro* do Volume dois, livro 1 da edição italiana, realizadas por Ivo Tonet, mas optamos por realizar as referências das páginas do original.

2 - A RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA

Conforme anunciamos anteriormente, durante o curso de formação inicial, bem como nos estágios e na iniciação científica, percebemos um discurso predominante entre os profissionais de Educação Física que expressa uma concepção que dicotomiza teoria e prática. De acordo com Davýdov (1982) essa dicotomia surgiu com a divisão social, na atividade do trabalho, que possibilitou ao homem representar os processos de atividade exterior e os processos de atividade interior, como se fossem contraditórios (DAVÝDOV, 1982). Ou seja, separa-se a atividade ideal da atividade objetiva (LEONTIEV, 1978).

A base de todo conhecimento humano, de acordo com Davídov (1988), é a atividade prática-objetual, o trabalho. Portanto, para analisar a origem e o desenvolvimento da dicotomia teoria e prática, consideramos necessário esclarecer as particularidades da atividade do trabalho.

Na atividade do trabalho, o homem transforma os objetos naturais conforme a necessidade social. Para isso, ele antecipa as propriedades externas e a finalidade dada ao novo objeto, ou seja, produz uma imagem ideal do objeto necessário socialmente. No entanto, o acesso apenas às propriedades externas do objeto não possibilita, ao homem, a transformação do objeto em outro, pois também precisa conhecer as conexões internas (DAVÍDOV, 1988).

A transformação, pelo homem, de um objeto em outro só é possível pelo conhecimento das conexões internas do mesmo, que a ele aparece no processo. Ou seja, o objeto é introduzido nos sistemas dos demais objetos. A interação entre eles promove a constituição de uma forma de movimento, que apresenta as conexões internas essenciais, e passa ter uma existência mediatizada. O homem, ao transformar a natureza, supera a imediatez do objeto e possibilita a inserção do mesmo na atividade produtiva (DAVÍDOV, 1988).

Essa inserção, segundo Davídov (1988), ocorre por meio de duas circunstâncias: primeiro, a interação do objeto com o outro ocorre repetidas vezes, com condições e situações externas diferenciadas; segundo, esse procedimento é repassado de geração em geração por meio de “padrões” e “modelos”. Na produção desses padrões e modelos, se faz necessário que as condições casuais sejam desconsideradas e se fixe somente aquelas decisivas, indispensáveis para a

reprodução do movimento do objeto em seu modelo social. “Desta maneira a transformação dos objetos no processo do trabalho põe em evidência suas propriedades internas, essenciais: as formas indispensáveis de seu movimento” (DAVÍDOV, 1988, p. 116).

Tanto no trabalho quanto no experimento objetual-sensorial, durante os atos de reprodução da sucessão dos acontecimentos, a sequência casual pode diferenciar-se da ligação necessária universal. Segundo Engels (apud DAVÍDOV, 1988, p. 117), “(...) a forma da universalidade (...) é a forma da culminação interna.” As condições e a reprodução dos acontecimentos passados de geração em geração, apresentam as condições e a reprodução necessárias e suficientes para que o acontecimento esteja submetido à lei em sua culminação interna, ou seja, à forma universal.

A atividade prática-objetual abarca a universalidade e a realidade imediata que são a base para todas as formas de conhecimento, inclusive o teórico. Assim, a humanidade socializada é capaz de reproduzir e assimilar os objetos segundo sua medida e essência (DAVÍDOV, 1988).

A atividade espiritual de um homem, entrelaçada com a vida social da sociedade, aparece como seu reflexo ideal. A atividade “ideal é o reflexo da atividade objetual nas formas da atividade subjetiva do homem social (em suas imagens internas, motivos, finalidades)” (DAVÍDOV, 1988, p. 118).

Na via geral de idealização da atividade prática-objetual, a transformação da característica da sensibilidade do homem em relação ao animal apresenta grande importância. Essa “(...) transformação assegurou à sensibilidade do homem a função de elo entre as ações materiais e as representações, a função de forma inicial da formulação ideal dos objetos” (DAVÍDOV, 1988, p. 118).

Os animais apenas reagem aos atos imediatos de seu comportamento com base no condicionamento situacional das imagens da percepção do meio, que é independente do animal e se dá ao mesmo tempo em sua imediatez. Na atividade objetual transformadora, os objetos naturais aparecem como necessários ao homem e, ao serem transformados, não só satisfazem as necessidades sociais como são apreendidos em sua identidade, em ser-em-si (DAVÍDOV, 1988).

Os órgãos dos sentidos têm como função a orientação no mundo objetual, “(...) começam a assegurar o planejamento e a regulação das complexas manipulações do homem com os objetos e meios de trabalho” (DAVÍDOV, 1988, p.

119). Gradativamente, os objetos criados pelo homem, bem como orientação de seu emprego se convertem na base do trabalho dos órgãos dos sentidos. Na atividade laboral, o indivíduo realiza a diferenciação e a transmissão das regras de ação dos objetos e dos conhecimentos a ele pertinentes. Isso se converte em patrimônios dos demais indivíduos ao ganhar forma acabada na linguagem. No início, os dados sensoriais são orientados para uns ou outros objetos similares e repetidos, que satisfazem as necessidades humanas ou servem de base para as operações laborais e a distribuição de produtos. Posteriormente, o homem sente a necessidade de abarcar como “(...) regra geral, os atos da produção, da distribuição e da transformação dos produtos” (DAVÍDOV, 1988, p. 119-120).

Certos objetos e suas relações na atividade laboral separam-se do conjunto dos demais, inicialmente, em forma prática-objetual e, posteriormente, em forma de palavras-denominações. Os diversos tipos de atividades são base para a diferenciação e separação das classes de objetos (DAVÍDOV, 1988).

No processo das representações humanas sobre as classes de objetos, eles são designados com uma denominação generalizada (genérica) por meio da imaginação. Ou seja, inicialmente, devido à imaginação, a imagem sensorial produzida de certa classe de objetos se diferencia dos demais, objetos reais, e se designa com uma denominação generalizada, converte-se assim, em uma representação geral sobre essa classe. Posteriormente, os objetos tidos isoladamente, correlacionam-se com suas classes correspondentes e são incluídos nela (DAVÍDOV, 1988).

Portanto, a “sensibilidade do ser humano é contraditória por seu conteúdo” (DAVÍDOV, 1988, p. 135). Ao realizar as ações da prática-objetual, a sensibilidade reúne dois elementos de conteúdo oposto: a mediação, continuidade da existência (seu conteúdo interno), e a existência presente (imediata). Tal contradição complexificou a atividade prática-objetual e possibilitou o desenvolvimento dos meios de idealização e a divisão da atividade laboral integral do ser humano. A consolidação dessa divisão tem causas socioeconômicas históricas.

Como consequência da consolidação da divisão da atividade laboral, rompe-se a unidade entre os aspectos opostos existentes nos conteúdos das ações da prática-objetual. Com isso, algumas elaborações distintas, a respeito da prática-objetual, foram consideradas.

Elaborou-se uma simplíssima orientação racional das pessoas nos objetos e meios de trabalho, nos fenômenos da vida social e a subordinação das correspondentes representações. Tratava-se da orientação nos modos já estabelecidos e consolidados de produção, com emprego de instrumentos relativamente estáveis, os quais requeriam aprendizagem, aquisição de hábitos (DAVÍDOV, 1988, p. 135).

Essas orientações converteram-se na base do desenvolvimento do pensamento empírico das massas trabalhadoras, executoras de operações laborais e socialmente significativas. Concomitantemente, “formavam-se nas pessoas as capacidades para planejar a produção e a vida social, para criar projetos de novos instrumentos, a tecnologia para sua fabricação e utilização” (DAVÍDOV, 1988, p. 135-136). Isso possibilitou a ocupação (atividade do trabalho) de algumas pessoas em elaborar representações com a finalidade de planejar a atividade prática-objetual (as ações futuras de outras pessoas), o que possibilita a não participação direta na produção material.

Conforme Leontiev (1978), tal ocupação possibilitou o surgimento da atividade ideal ou interna que, nos tempos atuais entre o senso comum dos profissionais da Educação Física, é concebida como teórica, e a objetual ou externa, como prática-objetual. Tal dicotomia é criticada por Leontiev (1978, p. 119) ao dizer: “é precisamente a comunidade de estrutura da atividade interior teórica e da atividade exterior prática que permite aos seus diferentes elementos estruturais passar (...) de uns para os outros”. Em outras palavras, surgiu assim a atividade ideal, que permite transformar em imagens ideias os projetos das coisas sem transformá-las, até certo momento (DAVÍDOV, 1988).

Essa nova atividade do trabalho proporciona o aparecimento de ações próprias para cada homem, no momento em que o objeto não coincide com seu motivo (LEONTIEV, 1978). A não coincidência entre os referidos componentes da atividade determina o aparecimento de operações, que se originam dada as condições do homem poder refletir psiquicamente a relação existente entre o motivo objetivo da ação e o seu objeto. Do contrário, a ação não teria sentido ao sujeito, uma vez que ela é quem faz surgir o sentido racional para o homem, para aquilo que sua atividade se orienta (LEONTIEV, 1978).

A atividade exterior é composta por ações e operações interiores, enquanto a interior também assim se estrutura, porém esses dois componentes são

exteriores ao pensamento. No entanto, ambas formam um processo indissociável e não dicotômico (LEONTIEV, 1978). Ou seja, não consiste apenas no deslocamento da realidade externa para o plano interno da consciência ou vice-versa, mas a constituição desse próprio plano (DAVÝDOV, 1988).

Trata-se, então, de não considerar somente o reconhecimento da identidade da estrutura interna ou externa das ações, mas em suas semelhanças genéticas. As ações internas possibilitam, ao sujeito, a solução de tarefas que não se realizam no plano externo que, por sua vez, dá as condições para a realização de tarefas que não são solucionáveis internamente (DAVÝDOV, 1988). Esses planos se constituem na relação com outros homens, socialmente. Historicamente, o motivo e o objeto da ação não produzem ligação natural, mas sim social, o que leva à forma humana do reflexo de realidade, ou seja, a consciência humana (LEONTIEV, A, 1978).

Com base nesse contexto teórico, reportamo-nos ao mencionado senso comum dos profissionais de Educação Física, que nos leva aos questionamentos 1) Quais são os motivos apresentados pelos professores em sua atividade docente ? 2) Quais são as ações e operações realizadas pelos professores na referida atividade? 3) Qual é o sentido que esses professores atribuem às ações e à atividade em referência? Dessas questões, emergem outras: qual a universalidade a ser compreendida pelo professor de Educação Física para o desenvolvimento de suas aulas? Consequência do seu motivo, o professor precisa compreender teoricamente suas ações para atingir o objeto de suas aulas? Não temos condições de responder tais questionamentos nesse estudo. Porém, nosso intuito é apenas evidenciar os elementos centrais que podem conduzir a respostas satisfatórias.

Para tanto, retomamos aos pressupostos de Leontiev (1978) quando diz que o reflexo psíquico depende da relação entre o indivíduo (sujeito material vivo) e a realidade material que o cerca. Ou seja, o reflexo não é separado da vida, da atividade do sujeito. Ao realizar determinada atividade, o indivíduo tem consciência do seu objetivo (imediato ou não) que, por sua vez, reflete nas relações objetivas (LEONTIEV, 1978). Mas, quais são os motivos que levam o indivíduo, dentre as atividades de trabalho, a optar pela atividade docente? O reflexo psíquico depende da relação entre o indivíduo e a realidade material que o cerca. Entretanto, qual é a realidade em que se insere o professor de Educação Física? Que realidade é essa que promove a dicotomia entre teoria e prática-objetual? Tais questões também

surgiram durante o andamento da pesquisa, no entanto, devido à limitação do tempo destinado à elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso, igualmente ficam abertas para futuras investigações.

No entanto, vale lembrar que a limitação dos professores de Educação Física, quanto à compreensão teórica advêm, também, do predomínio das literaturas que apresentam os conceitos vinculados à imediatez da prática-objetual, portanto numa elaboração conceitual empírica, proporcionada aos mesmos no curso de graduação (EUZÉBIO, 2009). A seguir, analisaremos o procedimento de elaboração do conceito de passe, tanto no pensamento empírico apresentado aos professores nos cursos de formação inicial, quanto no teórico, que se constitui com um dos objetivos do nosso estudo.

3 - O CONCEITO DE PASSE

No estudo específico do conceito de passe, consideramos os pressupostos da Teoria Histórico-Cultural (DAVÝDOV, 1988), nos guiaram na análise das obras utilizadas pelos cursos de graduação em Educação Física, do sul de Santa Catarina, que apresentam o conceito passe (EUZÉBIO, 2009). E, partir da análise crítica das mencionadas obras, apresentamos nossa elaboração teórica do conceito de passe.

3.1 Compreensão empírica do conceito de passe

As obras utilizadas na formação inicial de professores (como exemplo, ALMEIDA, 1998; COUTINHO, 2007; FERNANDES, 2004; FERREIRA, 2000; GOMES S/D; EHRET, 2002; MELHEM, 2004a; 2004b; FREIRE, 2003; FRISSELLI, 1999; MELO, 200-; SANTOS, 1998; TENROLLER, 2005, 2004; SIMÕES, 2002), apresentam o conceito de passe de modo dicotômico e empírico. Para analisá-las, buscamos respaldo teórico nos textos de Davýdov, 1982; Davídov, 1988; e Leontiev, 1978.

Segundo Davýdov (1988), em épocas historicamente primitivas, o processo de transformação e representação estava indissoluvelmente ligado à atividade material prática e social das pessoas, de forma empírica. Com o desenvolvimento da cognição, as representações (do que pode ser observado e constatado pela percepção) surgem e se expressam por diferentes sistemas semióticos (verbais e materiais). Elas têm lugar na idealização primária, o que torna possível às pessoas diferenciar e designar novas classes de objetos. Essas representações, designadas verbalmente, junto às observações diretas do objeto, também possibilitam a estruturação de juízos (DAVÝDOV, 1988). Desse modo, uma série de juízos particulares sobre um objeto pode ser substituída por uma palavra, uma denominação, cujo conteúdo é uma representação reduzida ou geral do grupo de objetos.

As observações e constatações realizadas pela percepção da vida material, de forma empírica, foram suficientes aos autores – adotados no curso de

graduação de Educação Física (citados no início do subtítulo) – fundamentar o conceito de passe. Também, possibilitaram para que eles analisassem de modo isolado, direto e imediato os movimentos realizados no lançamento do instrumento do jogo. Ou seja, os autores, ao denominarem *passe*, têm como conteúdo a descrição dos movimentos necessários e pertinentes para a realização das táticas e técnicas presentes na execução do passe. Desse modo, em tais obras, é apresentada uma representação geral puramente abstrata ou reduzida do conceito do fundamento passe. No entanto, essa representação geral, empírica, não é suficiente para abarcar todos os passes, realizados em qualquer modalidade esportiva, mas para um grupo restrito deles. Ou seja, dá conta apenas de algumas singularidades por não atingir o caráter universalmente teórico do referido conceito.

Almeida (1998, p. 64), ao conceituar o passe de peito no basquetebol, afirma: “segurar a bola com a empunhadura normal (“orelhas”), cotovelos para baixo, empurrar a bola com as mãos na direção das mãos do companheiro, estendendo totalmente os braços e voltados os polegares para baixo e as palmas para fora”. Tal representação (descrição) considera os movimentos necessários à realização de um tipo singular de passe, no interior de uma particularidade esportiva, o basquetebol. Ou seja, a representação do passe, definida por Almeida (1998), não apresenta as características essenciais que podem ser utilizadas para todos os tipos de passes, mas apenas para os passes de peito realizados no basquetebol.

No basquetebol existem diferentes tipos de passes. Se considerarmos o processo de formação do conceito, apresentado por Almeida (1998), será necessária a destinação de tempo – com ações e operações exclusivas – a conceituar cada um dos tipos de passes, pelas suas características singulares. Foi justamente o que fez o autor em questão, como é possível perceber na citação a seguir, referente aos passes *lateral* e *por trás*.

O passe lateral é usado para passar ao pivô quando estiver sendo marcado, por trás, por um jogador mais alto. O braço deve estar estendido ao lado do corpo paralelo ao chão, e a bola deve ser empurrada apenas com a mão [...] O passe por trás é usado em infiltrações no garrafão, sendo sua execução de elevado nível de dificuldade. Seu movimento é semelhante à raquetada do drible, só que a mão que empurra a bola continua acima da altura do quadril (ALMEIDA, 1998, p. 72-80).

Em ambos os passes, como também, nos demais tipos (de gancho, de ombro, passe picado com uma e com duas mãos e por cima da cabeça,

apresentados em sua obra) Almeida (1998) não considera a relação geneticamente inicial, universal para todas as modalidades de passe, mas apenas algumas expressões singulares do mesmo.

Os autores que descrevem uma representação mais geral de passe, não chegam ao caráter universal do referido conceito, ou seja, não apresentam as características essenciais consideradas para todos os tipos. Em tais obras, o que difere as representações reduzidas das representações gerais, é que nessa última são apresentadas características que abrangem um maior número de tipos diferentes de passes, enquanto na primeira, limitam-se a representar um tipo singular de passe.

Para exemplificar uma representação geral, empírica, de passe, citamos a adotada por Coutinho (1998, p. 76): “Passe é um fundamento de ataque que consiste em enviar uma bola de um companheiro a outro (...) é também considerado a forma mais rápida de se avançar da zona de defesa para a zona de ataque”. Coutinho faz duas menções que limitam a utilização desse conceito para todas as modalidades esportivas, porém, é possível considerá-lo em algumas delas: 1) concebe apenas os esportes de invasão⁴, pois só neles é possível avançar da zona de defesa à zona de ataque. Desse modo, as características citadas não podem ser atendidas no voleibol, por exemplo; 2) E, só atende aos esportes cujo instrumento é a bola. Ao mencionar o envio da bola a outro companheiro, impossibilita o uso dessa representação, no frisbee e no hóquei, em que o instrumento é o disco, entre outros.

As representações gerais, diretamente relacionadas com a atividade prática-objetual, criam condições para realizar a atividade do pensamento empírico que, segundo Davídov (1988, p. 123): “são características a formação e utilização das palavras-denominações que permitem dar à experiência sensorial a forma de universalidade abstrata”. Com isso, é possível generalizar as experiências nos juízos. A universalidade com base na repetibilidade abstrata constitui uma das especificidades desse tipo de pensamento. “Na lógica formal tradicional se chama conceito toda universalidade abstrata, expressa em uma palavra (na realidade trata-se só de uma representação geral), disso se deduz que o pensamento empírico tem lugar em tais ‘conceitos’” (DAVÍDOV, 1988, p. 123).

⁴ GONZALEZ, F. J. Sistema de classificação de esportes com base nos critérios: cooperação, interação com o adversário, ambiente, desempenho comparado e objetivos táticos da ação. **Revista digital**, Buenos Aires, ano 10. Nº 71, abril de 2004. Publicado em <http://www.efdeportes.com/efd71/esportes.htm> Acesso em: 01 jun. 2011.

Fernandes (2004), ao conceituar o fundamento passe no futebol, também considera a experiência sensorial como a universalidade abstrata. Limita-se à análise de fenômenos isolados, pois considera passe apenas a impulsão ou lançamento da bola: “**Passe** – pertence à categoria de impulsionar a bola e pode ser realizado com o pé, coxa, peito e cabeça” (FERNANDES, 2004, p. 48 – negrito no original). Assim, Fernandes desconsidera os fenômenos seguintes ao lançamento, presente no esporte, como por exemplo, a trajetória ou deslocamento do instrumento e a recepção por um colega da equipe.

Semelhante a Fernandes (2004), Voser (2002) e Ferreira (2000) apresentam o passe com base na análise dos fenômenos, isoladamente. Para Voser (2002, p. 45), “Passe é o ato de entregar a bola diretamente ao companheiro ou lançá-la em um espaço vazio da quadra”. De modo similar, Ferreira (2000, p. 9) assevera: “Ação de enviar a bola a um companheiro ou determinado setor do espaço de jogo”. Em determinados momentos de suas análises, os autores consideram a recepção do instrumento, pelo colega de equipe, como elemento constituinte do passe. No entanto, ao mencionar que a bola pode ser lançada em um espaço vazio da quadra, desconsidera a recepção do instrumento como elemento constituinte essencial do fundamento passe.

Os conceitos apresentados por Fernandes (2004), Voser (2002) e Ferreira (2000) representam o conhecimento do imediato da realidade, por isso, empírico. Conforme Davýdov (1988, p. 123), “a existência do objeto no tempo e no espaço, na unicidade da existência presente, significa a manifestação de sua imediatez ou caráter externo (...). A identidade e a diferença, também, são acessíveis ao homem no plano concreto das imagens”.

Dentre os autores que consideram apenas o caráter externo do passe, destacamos: Bizzochi (2004) e Bojikian (2005). No voleibol, o fundamento passe não é considerado, pois eles fazem menção apenas aos fundamentos do toque por cima e da manchete. Para Bizzochi (2004, p. 83-84), o toque por cima “é o fundamento utilizado na altura da cabeça ou acima dela, na qual as mãos se flexionam para trás, deixando que a bola se encaixe nos dedos e seja enviada de imediato para o local desejado”. No que diz respeito à manchete, diz: “é o fundamento defensivo realizado com os braços estendidos à frente do corpo. A bola é tocada com os antebraços, geralmente à altura dos ombros, ao lado do corpo, próxima ao chão ou acima da cabeça” (BIZZOCHI, 2004, p. 90).

Bojikian (2005, p. 75), por sua vez, afirma que “O toque de bola por cima é o fundamento mais característico do jogo de voleibol e é responsável, na maioria das vezes, pela preparação do ataque, ou seja, pelo levantamento”. Entende manchete como sendo “o fundamento mais utilizado para a recepção de saque e para a defesa de bolas cortadas” (BOJIKIAN, 2005, p. 88).

O caráter externo, adquirido por meio da percepção, possibilitou a Bizzochi (2004) e Bojikian (2005) analisarem o fenômeno do lançamento do passe isoladamente do restante dos demais elementos, semelhante ao que fez Fernandes (2004). Bizzochi (2004) e Bojikian (2005) fundamentam passe com base na repetibilidade. Tal análise não lhes possibilitou a revelação das múltiplas determinações que compõem a base geneticamente inicial do referido conceito.

Essa repetibilidade, acessível pela percepção direta e imediata do fenômeno, possibilita aos autores visualizarem, na manchete e no toque por cima, as características necessárias para melhorar o desenvolvimento da atuação do jogador. A análise de tal atuação está pautada na observação direta das repetições que foram consideradas positivas e negativas durante o andamento do esporte. E, a partir desta, formou-se uma série de juízos empíricos, pois não há um elemento mediador entre o fenômeno diretamente percebido pela observação e os juízos elaborados a partir dela. A atuação nada mais é do que as táticas, técnicas pertinentes à manchete e ao toque por cima. Esses juízos são substituídos por uma denominação (manchete ou toque por cima), que permite dar à experiência sensorial a forma de universalidade abstrata (empírica) que, na lógica formal tradicional, é denominada de conceito.

Em síntese, ao analisar o conceito de passe nas obras utilizadas na formação inicial dos professores de Educação Física do sul do estado de Santa Catarina, concluímos que seus autores consideram apenas aquilo que os órgãos dos sentidos captam de imediato da realidade. Davídov (1988, p. 129) critica tais conceitos empíricos, pois não fornecem por si mesmos “um conhecimento do ‘em que’ e do ‘por que’ exatamente nisso é que se transforma a coisa dada”.

Tal constatação constitui um alerta no que se refere ao processo de ensino e aprendizagem no contexto escolar. Pois, conforme apresentamos no decorrer desta seção, o conceito do fundamento passe exposto em tais obras conduz à compreensão fragmentada da atividade do esporte e, portanto,

descontextualizada da qual ele é uma atividade expressiva (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

3.2 Compreensão teórica do passe

Na seção anterior, consideramos a formulação do conceito do fundamento passe com base no pensamento empírico. Em contraposição, a seguir, o apresentaremos com base no pensamento teórico. Tal apresentação se faz necessário tendo em vista os fundamentos teóricos por nós adotados. Como diz Davýdov (1988), é necessário promover no ensino o desenvolvimento do pensamento teórico dos estudantes por meio da aprendizagem dos conceitos científicos, em oposição ao predomínio do desenvolvimento do pensamento empírico. Desse modo, o objetivo do ensino é a apropriação da experiência socialmente elaborada que supõe a formação nos estudantes, desde o primeiro ano escolar, de abstrações e generalizações que constituem a base do pensamento teórico.

A diferença principal entre o conceito teórico e o empírico (representações gerais) do fundamento passe consiste, no primeiro caso, na reprodução do processo de desenvolvimento, de formação do sistema, da integralidade do concreto. Nesse processo revela as particularidades e as inter-relações dos objetos singulares. Enquanto, no conceito empírico, segundo Davýdov (1988), a imaginação capta a diferença e a contradição, mas não a transição de um a outro, que é o mais importante para os conceitos teóricos.

Segundo Davýdov (1988), o conteúdo do pensamento teórico é a existência mediatizada, refletida, essencial. O pensamento teórico “é o processo de idealização de um dos aspectos da atividade objetual-prática, a reprodução, nela, das formas universais das coisas” (DAVÝDOV, 1988, p. 125). Essa reprodução tem lugar na atividade laboral das pessoas, realizada inicialmente como experimentação objetual sensorial peculiar que, gradativamente, adquire caráter cognitivo, o que possibilita às pessoas passarem aos experimentos realizados mentalmente.

As particularidades essenciais do experimento realizado mentalmente, segundo Bíbler (apud DAVÍDOV, 1988, p. 125-126), são:

- 1) o objeto de conhecimento é colocado mentalmente em condições nas quais sua essência pode ser revelada com especial determinação; 2) a

coisa dada se converte em objeto das posteriores transformações mentais; 3) no experimento dado se forma um sistema de conexões mentais em que "cabe" dito objeto. Se a estrutura deste objeto pode ser representada também como processo de abstração das propriedades do objeto real, esse terceiro momento também se converte, por essência, em um agregado produtivo do objeto mentalmente representado; só neste sistema peculiar de conexões se desentranha seu conteúdo.

As particularidades essenciais do experimento mental constituem a base do pensamento teórico, que não opera mais com representações diretas, mas com conceito. Este, no pensamento teórico, é a “forma de atividade mental por meio da qual se reproduz o objeto idealizado e o sistema de suas relações, que em sua unidade refletem a universalidade ou a essência do movimento do objeto material” (DAVÝDOV, 1988, p. 126).

Desse modo, ter o conceito teórico de passe significa saber reproduzir mentalmente seu conteúdo, elaborá-lo. Ou seja, a ação mental ou prévia-ideação de construção e transformação do objeto constitui o ato de sua compreensão e explicação, a descoberta de sua essência. Davýdov (1988) ao considerar a ação mental, no plano do pensamento teórico, não dicotomiza ação mental e ação prática-objetual, ou teoria e prática. Tal dicotomia, conforme já mencionamos anteriormente, faz parte do senso comum da Educação Física escolar.

Para reproduzir o objeto, o homem descobre e recria as propriedades do mesmo por meio de suas relações e conexões mútuas. Essas relações se convertem em meio para encarnar as propriedades de outro objeto, atuam assim, como seu padrão e medida. Ou seja, um objeto atua como padrão e medida de outro objeto, o primeiro apresenta as propriedades do segundo. A medida e o padrão aparecem como seus símbolos (materiais e gráficos). Por sua vez, os símbolos simultaneamente convertem-se em meios para estabelecer padrões, com os quais é possível idealizar (no plano mental) os objetos materiais, isto é, a reprodução teórica da realidade. Conforme Davýdov (1988, p. 127), “A revelação e a expressão em símbolos da existência mediatizada das coisas, de sua universalidade, não é outra coisa senão a passagem à reprodução teórica da realidade”.

Desse modo, na reprodução teórica do fundamento passe, exige que se revele e se recrie suas propriedades por meio de suas relações e conexões mútuas, tais como, lançamento, trajetória ou deslocamento e recepção do instrumento. Essas ações são analisadas em um sistema integral, como um todo, diferente do

pensamento empírico que analisa os fenômenos isoladamente, o que gera a conclusão equivocada de que passe é apenas a ação de lançar o instrumento.

Tendo presente que o esporte é uma atividade especificamente humana – animais não jogam nem brincam intencionalmente e voluntariamente –, ao analisar o fundamento passe com base no pensamento teórico, é necessário, inicialmente, colocá-lo em condições nas quais sua essência possa ser revelada, para isso, um objeto serve de meio para encarnar as propriedades do passe, esse experimento é realizado mentalmente. Os diversos esportes (handebol, basquetebol, hóquei, futebol, futsal, futebol americano, rugby, polo aquático, voleibol, tchoukball, dentre outros), em que o fundamento passe está presente, são os meios para se compreender a sua essência. Portanto, as modalidades esportivas são as particularidades que servem de padrão e medida de tal fundamento. Nessas particularidades emergem as singularidades do passe, que são os seus distintos tipos que ocorrem no interior de um mesmo esporte.

Ao analisar o passe, nos diferentes esportes, é possível abstrair sua unidade – essência – a partir da relação entre os seguintes elementos relacionados ao instrumento do esporte: lançamento ↔ trajetória ou deslocamento ↔ recepção. “(...) mas *unidade* não é o mesmo que *identidade*”, conforme alerta Netto (2011, p. 37). É preciso distinguir as determinações do que caracteriza o passe em seu aspecto universal, comum a todo e qualquer tipo de passe que ocorre na especificidade de cada modalidade esportiva.

Consideramos, assim, passe o lançamento do instrumento de jogo ao colega de equipe em condições que a recepção seja efetivada, isto é, tal ação precisa ser idealizada e objetivada (exteriorizada). Ao desconsiderar a presença de um dos elementos do passe, a referida ação não é concluída, ou seja, finalidade idealizada e não objetivada.

Desse modo, para analisar teoricamente o conceito de passe, se faz necessário compreendê-lo como uma das ações presente na atividade do esporte. Em toda atividade humana, inclusive a do esporte, as pessoas tem o intuito de satisfazer alguma necessidade (LEONTIEV, 1978). “(...) A busca e a prova de objetos concretos, que correspondem à necessidade, levam ao aparecimento dos motivos da atividade” (DAVÍDOV, 1988 p. 45). O motivo incita a pessoa agir para assegurar sua finalidade, em algumas situações. A atividade do esporte, por

exemplo, requer o desenvolvimento de ações para se adquirir o objeto, que responda aos motivos e satisfaça a necessidade (DAVÍDOV, 1988).

Uma ação da atividade, segundo Leontiev (1978), ocorre quando o seu motivo não coincide com o objeto. Na especificidade do nosso objeto de investigação, passar o instrumento (bola, disco, etc) ao companheiro de equipe não leva o indivíduo a objetivar o esporte. Ou seja, fazer o instrumento chegar ao companheiro de equipe não coincide com objeto, que é chegar à meta (fazer o gol, fazer o ponto...). Desse modo, ao tomarmos o esporte como atividade, consideramos o passe como uma ação do mesmo.

A ação do passe não fica desprovida de sentido para o indivíduo, pois, ao conseguir refletir psiquicamente o motivo de sua ação e o objeto, ele compreende as operações realizadas para a mesma. Lançamento, trajetória ou deslocamento e recepção do instrumento são componentes da ação do passe que, para sua objetivação, requer a presença de dois alunos para a realização da mesma.

Porém, a partir do momento que os alunos se apropriam do conceito de passe e adota-o para a realização de outra ação, é a demonstração de que ele se transforma em uma operação. Isso porque, segundo Leontiev (1978), não se liga diretamente aos fins de uma atividade, mas às condições objetivas de sua execução. Deixaremos de aprofundar esse processo transformativo, uma vez que nosso objetivo é considerar o passe em seu estado de formação conceitual, isto é, como ação realcionada à atividade do esporte.

Para Leontiev (1978) as ações e operações são desenvolvidas no plano ideal e no plano material, não são como processos isolados, mas como unidade. Ou seja, antes da objetivação da ação, o ser humano planeja e dirige a mesma. Tal processo é denominado por Lukács (1991) de prévia-ideação. É nesse momento que as possibilidades das ações são consideradas e os resultados são idealizados na consciência (LESSA, 2007).

O momento da prévia-ideação é abstrato, pois é nele que o ser humano vai idealizar as ações em todos os seus detalhes, considerando seus conhecimentos e habilidades, como também, toda causalidade que possa surgir, principalmente as postas pelas condições técnico-táticas, tanto dos colegas da mesma equipe como os da outra. Por isso, é crucial apoiar-se sobre um reflexo correto da realidade, orientado para a finalidade. Ao considerar a importância para o ser social desse momento, “só enquanto abstratividade pode ela constituir o momento em que os

homens confrontam passado, presente e futuro e projetam, idealmente, os resultados de sua práxis” (LESSA, 2007, p. 37).

Logo, para a objetivação do passe, o aluno realiza as operações no plano ideal, de acordo com as palavras de Leontiev, ou a prévia-ideação conforme Lukács. Desse modo, para a realização do passe, o aluno idealiza os detalhes, considerando seus conhecimentos e habilidades necessários para concretizá-lo. Assim como também, como temos mencionado, toda causalidade que possa aparecer durante o momento da ação.

De acordo com Lessa (2007), há duas relações entre a consciência que opera a prévia-ideação e o objeto construído. Na primeira, aponta a distinção entre o objeto criado e o ser que realizou a prévia-ideação, ou seja, a exteriorização. Na segunda, o objeto existe somente após a prévia-ideação, sem essa, o objeto jamais existiria. Assim, a ação de passar o instrumento só pode existir, caso exista a prévia-ideação e, nessa, toda causalidade é considerada. Caso ocorra interferência não prevista de qualquer causalidade – tenha ela sido compreendida ou não pelo sujeito da ação – a objetivação não se efetiva. No caso do nosso objeto de investigação: não ocorre o passe. A prévia-ideação só é objetivada caso todas as operações pertencentes a ela sejam realizadas.

(...) ao ser levada à prática a prévia-ideação se materializa num objeto, se objetiva. O processo que articula a conversão do idealizado em objeto – sempre com a transformação de um setor da realidade – é denominado por Lukács de objetivação. Pela objetivação “/.../ uma posição teleológica se realiza no âmbito do ser material como nascimento de uma nova objetividade” (LUKÁCS apud LESSA, 2007, p. 38).

A objetivação é o momento concreto de realização da síntese da causalidade e da prévia-ideação. Então, para a realização do passe, todas as causalidades que possam aparecer durante a ação são consideradas na prévia-ideação. Para isso, Lessa (2007) considera crucial apoiar-se sobre um reflexo correto da realidade, orientado para a sua finalidade. Logo, se a finalidade da ação do passe é fazer o instrumento chegar ao colega de equipe, o indivíduo tem que refletir toda a situação do esporte, para garantir que não haja interferência de nexos causais. Ou seja, a interceptação do instrumento ou o lançamento do mesmo sem possibilidades do colega da equipe receber, pode ocorrer devido a não observação

do vento, da posição dos jogadores, tanto da equipe adversária quanto da sua, dentre diversas outras possibilidades.

A análise apresentada até o momento constitui a primeira particularidade essencial do experimento mental apontada por Bíbler, ou seja, a captura do objeto pela consciência, a busca dos elementos da essência do passe.

Quando revelada a essência do fundamento passe, o mesmo pode ser utilizado como padrão e medida de outros objetos, formando, assim, um sistema de conexões em que ele se insere, como por exemplo, a organização técnico-tática do jogo em relação à dimensão do campo de jogo, à organização tática da equipe adversária, etc. Desse modo, a universalidade do fundamento passe é considerada o meio, particular, padrão para chegar à universalidade do esporte. Por sua vez, as diferentes modalidades esportivas, passam a ser a singularidade da universalidade do esporte. Não estamos dizendo com isso que o passe é o elemento central do jogo, mas somente que na análise dele tal processo pode ocorrer, bem como pode ser realizado tomando-se outros elementos singulares do esporte. Importante, aqui, destacar o processo de desenvolvimento do pensamento teórico em relação ao jogo.

No conteúdo específico do pensamento teórico

(...) aparece a relação objetiva do universal e o particular (o todo e a parte). Nesse conceito, diferentemente do conceito empírico, não está incluído algo que seja igual em cada objeto da classe e sim aquilo que revela as inter-relações de objetos isolados dentro do todo, dentro do sistema de sua formação (DAVIDOV, 1988, p. 129).

A relação objetiva do universal e do particular existe por meio da conexão entre as coisas singulares. A síntese dessas conexões é chamada de concreto, compreendido como algo em formação, no processo de sua origem e mediatização. Somente essa síntese contempla a diversidade das manifestações do todo. Diferentemente, no pensamento empírico, o conteúdo específico pode ser uma representação reduzida ou geral de todo um grupo de objetos (DAVÝDOV, 1988).

Desse modo, ao examinarmos o concreto em desenvolvimento, em movimento, chegamos às conexões internas do sistema de operações no qual se insere o conceito de passe. A partir de tais conexões foi possível chegar às relações entre o singular, que são os diferentes tipos de passes (passe de peito, passe de ombro, manchete, toque por cima, passe de cabeça, dentre outros) e a relação

universal, dá origem aos diferentes tipos de passes: lançamento ↔ trajetória ou deslocamento ↔ recepção.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do presente trabalho de conclusão de curso, expomos o estudo teórico que realizamos durante dois anos de investigação. Nele, revelamos a formação de um sistema de conexões em que se insere o fundamento passe, tais como: atividade interna e externa, ação, operação, objeto, motivo, necessidade, finalidade, idealização, concretização; abstração, causalidade, universalidade, particularidade, singularidade, entre outros.

Foi somente nesse sistema de conexões que conseguimos revelar o conteúdo teórico e elaborar, provisoriamente, o seguinte conceito: passe é o lançamento do instrumento de jogo ao colega de equipe em condições que a recepção seja efetivada, envolvendo necessariamente o lançamento, deslocamento e a recepção do instrumento. No processo de efetivação do passe, se um desses três componentes gerais de passe não ocorrer, então ele não se objetiva, mas a sua intencionalidade ou o processo parcial de passe que não se objetivou. Portanto, não se constituiu em um ente que existe objetivamente.

Esse conceito, dado seu caráter universal, contempla todos os tipos singulares de passe em qualquer modalidade esportiva em que ele se constitua como elemento do desenvolvimento do respectivo esporte (de peito, manchete, toque por cima...), independentemente de uma modalidade esportiva particular, tal como handebol, basquetebol, futebol, futsal, voleibol, dentre outros.

Tal entendimento, portanto, diferencia-se do conceito empírico, apresentado nas obras utilizadas nos cursos de formação inicial de professores de Educação Física do sul catarinense, que abrange apenas alguns tipos de passes singulares, nos limites de uma modalidade esportiva particular. A descrição empírica de passe nas referidas obras o restringe a uma operação do mesmo: lançamento do instrumento.

Porém, ao executar a ação do passe, primeiro o ser humano contemporâneo planeja, *teoricamente*, depois o objetiva como constituinte da unidade da práxis esportiva. O processo inverso, de dicotomia do processo de prévia ideação e de objetivação, ocorreu, por sua vez, durante o desenvolvimento histórico do referido conceito. Portanto, não faz sentido a dicotomia entre teoria e prática, pois ambos são processos indissociáveis de uma mesma unidade.

Mas, como nos alerta Netto (2011, p. 37, *itálicos no original*), com base na análise que Marx faz da produção em geral, “(...) *unidade* não é o mesmo que *identidade*: é preciso distinguir ‘as determinações que valem para a produção em geral’ daquelas que dizem respeito a certa época; do contrário perde-se a *historicidade* na análise”. Isso nos serve de alerta para continuarmos os estudos, a fim de compreendermos com mais detalhes as mudanças que os diferentes passes, nas diferentes modalidades esportivas, sofreram no respectivo contexto histórico. Essa é umas das questões ainda em aberto nesse debate.

5 - REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. B. **Basquetebol iniciação**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.
- BIZZOCCHI, C. C. **O voleibol de alto nível: da iniciação a competição**. 2ªed. Barueri: Manole, 2004.
- BOJIKIAN, J. C. M. **Ensinando voleibol**. 3. ed. São Paulo: Phorte, 2005.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- COUTINHO, N. R. **Basquetebol na escola**. Rio de Janeiro: Sprint, 2007.
- DAVÍDOV, V. V. **La enseñanza escolar y el desarrollo psíquico: investigación teórica y experimental**. Trad. Marta Shuare Moscú: Editorial Progreso, 1988.
- DAVÝDOV, V. V. **Tipos de generalización en la enseñanza**. 3. Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1982.
- DE ROSE JUNIOR, D.; TRICOLI, V. **Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática**. Barueri: Manole, 2005.
- EHRET, A. et al. **Manula de handebol: treinamento de base para crianças e adolescentes**. São Paulo: Phorte, 2002.
- EUZÉBIO, C. A. **O Conhecimento Esporte nos Cursos de Formação Inicial em Educação Física**. Dissertação (Educação) - Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma. 2009.
- FERNANDES, J. L. **Futebol: da “escolinha” de futebol profissional**. São Paulo: EPU, 2004.
- FREIRE, J. B. **Pedagogia do futebol**. Campinas: Autores Associados, 2003.
- FRISSELI, A.; MANTOVANI, M. **Futebol: teoria e prática**. São Paulo: Phorte, 1999.
- GOMES, A. C.; MACHADO, J. A. **Futebol: metodologia e planejamento na infância e adolescência**. Londrina: Midiograf, 2001.
- GONZALEZ, F. J. Sistema de classificação de esportes com base nos critérios: cooperação, interação com o adversário, ambiente, desempenho comparado e objetivos táticos da ação. **Revista digital**, Buenos Aires, ano 10. Nº 71, abril de 2004. Publicado em <http://www.efdeportes.com/efd71/esportes.htm> Acesso em: 01 jun. 2011.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1976.

- LEONTIEV, A. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.
- LESSA, S. **Para compreender a ontologia de Lukács**. RS: UNIJUÍ, 2007.
- LUKÁCS, G. **Per l'ontologia dell'essere sociale**. II*. Roma: Riuniti, 1981.
- MELHEM, A. **Brincando e aprendendo o basquetebol**. Rio de Janeiro: Sprint, 2004a.
- MELHEM, A. **Brincando e aprendendo o handebol**. Rio de Janeiro: Sprint, 2004b.
- MELO, R. S.; MELO, L. B. S.; **Ensinando o futsal**. Rio de Janeiro: Sprint, 200-.
- MORAES, M. C. M; **Iluminismo às avessas**: produção de conhecimento e política de formação docente. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- NETTO, J. P. **Introdução ao Estudo do Método de Marx**. São Paulo: Expressão popular, 2011.
- ROSA, M. E.; ORTIGARA, V. A Compreensão conceitual de alunos do ensino fundamental sobre o passe dos esportes coletivos: uma análise na perspectiva Histórico-Cultural. In: **Anais...** 6º Encontro Iberoamericano de Educação. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras (UNESP), 2011.
- ROSA, M. E.; ORTIGARA, V. DAMAZIO, A. Recepção, lançamento e trajetória do instrumento: o tripé que compõe o fundamento passe nos esportes coletivos. In: **1º Sepei**. Criciúma: IF-SC, 2011.
- SANTOS, F. J. L. A. **Manual de futsal**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.
- SIMÕES, A. C. **Handebol defensivo**: conceitos técnicos e táticos. São Paulo: Phorte, 2002.
- TENROLLER, C. A. **Futsal**: ensino e prática. Canoas: Ulbra, 2004.
- TENROLLER, C. A. **Handebol**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.
- VOZER, R. C.; GIUSTI, J. G. **O futsal e a escola**: uma perspectiva pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2000.